

A Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (FLUL) tem o privilégio de ter entre os seus quadros docentes a figura ímpar da Professora Doutora Maria Cristina de Castro-Maia de Sousa Pimentel, cuja carreira se confunde com a própria história recente da instituição. Ao longo de mais de cinco décadas, a sua dedicação incansável ao ensino, à investigação e à vida académica moldou gerações de estudantes e consolidou linhas de investigação que hoje constituem pilares dos Estudos Clássicos em Portugal. Este volume reúne estudos que Amigos e Colegas de Maria Cristina Pimentel decidiram oferecer-lhe por ocasião da sua Jubilação e como demonstração de toda a admiração e respeito científico que por ela têm.

U LISBOA

UNIVERSIDADE  
DE LISBOA

FLUL

FACULDADE  
DE LETRAS

fct

Fundação  
para a Ciência  
e a Tecnologia

centro de estudos  
CLASSICOS

EDITORES

Rodrigo Furtado  
Nuno Simões Rodrigues  
Ana Lóio  
João Paulo Valério

# ESTUDOS EM HOMENAGEM A MARIA CRISTINA PIMENTEL

*Quod  
sentimus  
loquamur,  
quod  
loquimur  
sentiamus*

ESTUDOS EM HOMENAGEM  
A MARIA CRISTINA PIMENTEL  
*Quod sentimus loquamur,  
quod loquimur sentiamus*



EDITORES

Rodrigo Furtado  
Nuno Simões  
Rodrigues  
Ana Lóio  
João Paulo  
Valério

  
Edições Colibri



Estudos em Homenagem a Maria Cristina Pimentel

*Quod sentimus loquamur, quod loquimur sentiamus*



Estudos em Homenagem a Maria Cristina Pimentel  
*Quod sentimus loquamur, quod loquimur sentiamus*

**Editores**

Rodrigo Furtado • Nuno Simões Rodrigues •  
Ana Lóio • João Paulo Valério

Com a colaboração de  
Ricardo Duarte e Ricardo Nobre



Edições Colibri

Esta publicação é financiada por Fundos Nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito do projecto UID/00019/2025, Centro de Estudos Clássicos (<https://doi.org/10.54499/UID/00019/2025>).

**Título:** Estudos em Homenagem a Maria Cristina Pimentel  
*Quod sentimus loquamur, quod loquimur sentiamus*

**Editores:** Rodrigo Furtado, Nuno Simões Rodrigues, Ana Lóio,  
João Paulo Valério

**Capa:** Raquel Gil Ferreira

**Edição:** Edições Colibri

ISBN: 978-989-566-573-0

**Depósito legal n.º** 556 126/25

Lisboa, novembro de 2025

# Índice

Maria Cristina de Castro-Maia de Sousa Pimentel:  
Excelência, Dedicção e Humanismo  
Ana Maria Lóio, Nuno Simões Rodrigues, Rodrigo Furtado ..... 11

*Curriculum vitae* de  
Maria Cristina de Castro-Maia de Sousa Pimentel..... 15

*TABVLA GRATVLATORIA* ..... 73

## I. Da Antiguidade Pré-Clássica à Antiguidade Tardia

Antígona euripídea, ¿un personaje liminal en *Fenicias*?  
Estudio de la caracterización a partir de la gnomé  
Alba Boscà Cuquerella ..... 79

A imagem de Augusto na construção ideológica da identidade romana  
no dealbar do Império: biografia e historiografia  
José Luis Brandão e Delfim Leão ..... 91

Encolpio ed Eumolpo, personaggi “menippeí” nella Crotone petroniana  
Rosalba Dimundo ..... 113

Retratos da infância romana em *Factos e Ditos* Memoráveis  
de Valério Máximo  
Ricardo Duarte ..... 135

La Crítica Literaria en el *Dialogus De Oratoribus*  
Julián Espada Rodríguez ..... 147

A infância em e de Horácio: algumas reflexões  
Pedro Braga Falcão ..... 153

Medeia: A feiticeira enfeitçada em Apolónio de Rodes  
Maria do Céu Fialho ..... 165

Cultura Latina, Cultura Romana  
Rodrigo Furtado ..... 177

*Un petit sauvage*: el retrato de Aquiles (Estacio, Ach. 1.159-168)  
Eduardo A. Gallego Cebollada ..... 211

Gabii, Fidenae e Ulubrae: il τόπος dei *deserti vici* da Orazio  
a Giovanni Pascoli  
Paolo Garofalo ..... 225

Poesia Pós-Augustana ou uma leitura dos “monstros” de Marcial (10.4) Ana Maria Lóio .....	237
<i>Immitis Achilles</i> : a note on <i>Ov. Ep.</i> 3.155-156 Daniel López-Cañete Quiles .....	265
“Clitofonte”: tradução, introdução e notas Inês Salgueiro Machado .....	269
Livros, coleções, bibliotecas: contribuições das cartas de Cícero Alexandra de Brito Mariano .....	285
El poeta y su público. Terminología de la producción y recepción poética en Marcial Rosa M. <sup>a</sup> Marina Sáez .....	295
La intencionada, reiterada e insistente repetición de un procedimiento: la vita <i>Opilii Macrini</i> en la <i>Historia Augusta</i> Marc Mayer i Olivé .....	309
O nascimento augustano de Jesus e horizonte romano da historiografia de Lucas José Augusto Ramos .....	329
<i>Quasi vasa electa atque pretiosa</i> . Corpo e Redenção em S. Agostinho Paulo Ramos .....	343
<i>Iuliam Agrippinam Germanico genitam: huic Pallas</i> . Tácito, <i>Ann.</i> 12.1-3, entre a paródia e o <i>topos</i> Nuno Simões Rodrigues .....	353
Possíveis acrósticos no livro 6 dos <i>Fastos</i> de Ovídio Gabriel A. F. Silva .....	369
Going forth to the light: liminality in the representation of the deceased in Ramesside funerary art Rogério Sousa. ....	375
Reinar no feminino: Clóris e a mãe de Andrómaca em Homero Nereida Villagra .....	395

## II. A Ibéria Medieval

A “autobiografia” de Eugénio de Toledo Paulo Farmhouse Alberto .....	407
O cancionero de amigo do trovador Joam Soares Coelho. I. A la fonte Ângela Correia .....	419
Tradición clásica en una crónica del s. XV: <i>El Victorial</i> Ramiro González Delgado .....	431

A saudade como desiderium: nota à <i>Vita Theotonii</i> Aires A. Nascimento .....	447
Porquê ler os clássicos na Idade Média? Armando Norte.....	465
Un nuevo testimonio del comentario <i>Terentius Africanus</i> : Madrid, BNE, Vitr. 5-4 Iñigo Ruiz Arzalluz .....	489
Algunos datos acerca de las fuentes de Rosvita, <i>Pafnutius</i> 1.2-18 Enara San Juan Manso .....	499

### III. Revisitações do Renascimento e da Modernidade

Camões e as palavras peregrinas Isabel Almeida.....	513
De Heróis e Homens Ilustres: reconfigurações transatlânticas do Elogio no Século das Luzes Vanda Anastácio .....	523
Fernando Manzanares, discípulo de Nebrija Trinidad Arcos Pereira .....	539
D’os “fundamentos toscos e rudes”: os manuscritos da História do Futuro Ana Paula Banza .....	551
De cometæ disputate: a <i>Nox Attica</i> de Luís de Avelar André Oliveira Baptista.....	557
“unum atque totum non datur nisi arte”. Sobre a composição (conceptual) dos artefactos, a partir de Horácio e Alberti Tomás N. Castro.....	567
<i>Quien roba a un ladrón...</i> El encomio de Catalina de Austria, reina de Portugal, de Alonso Rodríguez de Guevara: el plagio de un plagio Manuel Antonio Díaz Gito .....	581
Receptividade e Resistência ao Luteranismo: A Primeira Visitação do Santo Officio às Partes do Brasil Arnaldo do Espírito Santo .....	595
Ecoss da perspectiva estoica sobre o medo e a precaução na <i>Castro</i> de António Ferreira Paulo Sérgio Margarido Ferreira.....	609
As cores inextinguíveis da Aurora Rui Fonseca.....	623

Reflexões sobre duas línguas clássicas. O latim e o mandarim em textos de autores europeus (séculos XVI e XVII) Cristina Costa Gomes e Isabel Murta Pina.....	637
Relación entre el léxico de la versión de la Eneida de Gregorio Hernández de Velasco con <i>Cántico espiritual</i> de San Juan de la Cruz Inmaculada López Calahorro .....	649
<i>Vitae Cornificiae</i> . Una epigramatista romana en el canon entre los siglos XIV y XVII Cristina Martín Puente.....	661
O prefácio de <i>As mulheres famosas (De mulieribus claris)</i> de Giovanni Boccaccio Bernardo Machado Mota.....	675
Leituras Portuguesas do Microcosmo. Tradução do <i>Carmen Allegoricon</i> de Estêvão Rodrigues de Castro (1559-1637) David Mesquita .....	685
Los fragmentos de las tragedias de Ennio en los mss. 7901-7902 de la Biblioteca Nacional de Madrid José Carlos Miralles Maldonado .....	697
O tratado A formação dos fetos de Galeno na obra ginecológica de Rodrigo de Castro Lusitano Cristina Santos Pinheiro e Joaquim Pinheiro .....	715
Latinidad y poder en el Renacimiento español: Juan Latino José A. Sánchez Marín e Maria Nieves Muñoz Martín.....	729
Vino versus cerveza: ortodoxia y herejía en la poesía latina de Pedro Ruiz de Moros Antonio Serrano Cueto.....	745
Para uma Genealogia de Alfama Carlos Guardado da Silva, Jorge Revez e Luís Corujo .....	759
História e lenda na “Tragédia de Coimbra”: do modelo de Séneca ao drama simbolista Nair Castro Soares.....	773
Latinidad bajo sospecha: De la dinastía de Avis al reinado de D. Manuel. Notas para una historia social de los <i>litterati</i> portugueses Ana María S. Tarrío .....	787
O prólogo de Cândido Lusitano à tradução da <i>Eneida</i> : fontes e problemas de um conceito de tradução Cláudia Teixeira e Armando Martins .....	801
Joachim of Fiore and António Vieira’s <i>Clavis Prophetarum</i> Ana T. Valdez .....	821

Da <i>paideia</i> à <i>humanitas</i> : o ensino retórico na antiguidade e as suas influências na pedagogia jesuíta Joana Veiga e Vanessa Fernandes.....	835
--	-----

#### IV. Perspectivas e Recepções Contemporâneas

Pelos direitos civis das mulheres: a coluna jurídica da <i>Fémina</i> (1934-1935) Isabel Drumond Braga.....	849
“Ser Medeia agora”: Medeia, filicídio e as construções culturais da maternidade João Cabral e Sofia Frade.....	863
<i>Nachts ist es leise in Teheran</i> de Shida Bazyar ou os desafios da integração numa era de migração Filomena Viana Guarda.....	875
Nausícaa em Fernando Assis Pacheco e Vasco Graça Moura Maria António Hörster e Maria de Fátima Silva .....	885
Algumas novas perspetivas no estudo da origem do alfabeto glagolítico Gueorgui Hristovsky .....	897
Diónisos e Eros em <i>Andam Faunos pelos Bosques e Montedemo</i> : viver de acordo com a natureza no Portugal profundo Maria José Ferreira Lopes .....	913
Tres notas de crítica textual y hermenéutica, desde la perspectiva de la tradición franciscana en latín y en castellano, al poema <i>El sufrimiento de la Virgen por la calle de la Amargura</i> José María Maestre Maestre.....	935
Herança greco-latina em Cabo Verde – o testemunho de Germano Almeida Susana Marques.....	951
Cultura e Desporto desde a Antiguidade Clássica: luzes e sombras. A propósito da capital europeia da cultura António Maria Martins Melo .....	965
Luísa Dacosta – Espelhos, palavras Paula Morão .....	977
Ulisses e a Saudade da Morte Ricardo Nobre .....	991
Mito de Perséfone no espaço familiar de Armando Correia Adriana Freire Nogueira.....	1001
De regresso a casa, com Ulisses do outro lado do espelho Ana Paula Pinto.....	1015

A propósito de “logótipo” António Manuel Ribeiro Rebelo .....	1045
Estou e não estou em lado nenhum O livro Quando de Manuel Alegre José Ribeiro Ferreira .....	1049
Personajes históricos grecolatinos en la poesía de Sophia de Mello Breyner Andresen: Una lectura transversal Gregorio Rodríguez Herrera.....	1055
Apologías de la lengua latina en la primera mitad del siglo XIX: el discurso de Jacinto Díaz Francisco Salas Salgado .....	1065
Monstros e Heróis da Grécia Antiga: extensão universitária em escolas do 1.º Ciclo do Ensino Básico André Simões .....	1079
Sobre Memória, Afectos e Esperança Luísa Afonso Soares.....	1095

## V. Testemunhos

Testemunho Luís Simões Coelho. ....	1109
Pedro Braga Falcão .....	1113
Fátima Lopes .....	1115
Testemunho de homenagem a Cristina Pimentel Delia Macías Fuentes .....	1117
Liliana Marques.....	1119
A Importância dos Estudos Clássicos para o estudo da Missionaç�o na China João Riso .....	1121
Homenagem � Professora Doutora Maria Cristina Pimentel. Testemunho Pessoal Ana Teresa Santa-Clara.....	1127
<i>Summa Magistra et Amica</i> Carlos Mesquita Severino. ....	1131
Ana Soares e Bárbara Wong .....	1135
Ana Matafome.....	1137

# O tratado *A formação dos fetos* de Galeno na obra ginecológica de Rodrigo de Castro Lusitano

Cristina Santos Pinheiro

Universidade da Madeira  
Centro de Estudos Clássicos  
Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa  
cristina.pinheiro@staff.uma.pt

Joaquim Pinheiro

Universidade da Madeira  
Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos  
Universidade de Coimbra  
joaquim.pinheiro@staff.uma.pt

O pequeno tratado galénico *A formação dos fetos* foi provavelmente escrito na última etapa de produção do seu autor, depois de 193 d.C. Ainda assim, na obra *A dissecação do útero*, cuja redacção se data normalmente entre 145 e 149 d.C., Galeno remete já o leitor para um tratado acerca da anatomia dos fetos em que tem a intenção de descrever “os vasos que chegam ao feto através do cordão umbilical”<sup>1</sup>. Quer se trate de uma obra perdida<sup>2</sup> ou do tratado que conhecemos com o título de Περὶ κνουμένων διαπλάσεως, *A formação dos fetos*, esta referência mostra bem a importância que Galeno atribuía a esta temática já numa fase inicial da sua produção<sup>3</sup>. De facto, também em muitas das suas obras de maior fôlego e com uma difusão mais significativa, como *A semente*, *A utilidade das partes* ou *Procedimentos*

---

<sup>1</sup> καὶ τὰ περὶ τῶν ἀγγείων τῶν εἰς τὸ ἔμβρυον διὰ τοῦ ὀμφαλοῦ καθηκόντων αὐτὰ καθ’ αὐτὰ εἰρήσεται ἐν ἑτέρῳ λόγῳ, ἐν τῇ τοῦ Ἐμβρύου ἀνατομῇ. (Nickel 1971: 58; 2.908K). “Sobre os vasos que chegam ao feto através do cordão umbilical, falaremos deles em momento oportuno noutro tratado, *A dissecação do feto*.” (Pinheiro, Pinheiro, Fonseca 2022: 32). Quando não indicado de outra forma, as traduções são da nossa autoria.

<sup>2</sup> Boudon-Millot (2008: 82).

<sup>3</sup> O título do tratado tem sido diversamente traduzido como *Sur la formation des foetus* (Boudon-Millot 2008), *The construction of the embryo* (Singer 1997), *The shaping of the embryo* (Singer & Rosen 2024). Na tradução portuguesa publicada em Pinheiro, Pinheiro, Fonseca 2022, que aqui utilizamos, preferimos manter o título “tradicional” da obra. Fazemos, no entanto, notar que o significado actual de “embrião” e de “feto” não corresponde completamente ao significado do termo κνούμενον, isto é, “o que foi concebido”. Sobre isto, v. Boudon-Millot (2008: 87-88). Quanto ao termo διάπλασις, remete-nos para a ideia de modelagem ou de configuração.

*anatômicos* afloram reflexões sobre a embriogénese que serão extremamente importantes na constituição de uma teoria galénica acerca da geração, que, de forma mais ou menos consistente, se transmitiu à posteridade. Também no tratado *As minhas opiniões* Galeno expõe alguns dos princípios filosóficos que defendia e, além disso, aborda o tema da ordem temporal do desenvolvimento do feto, nestes termos:

[...] *sed uirtutem que format embrionem in matrice non determinauit in aliquo loco utrum substantia sua sit substantia istarum quatuor uirtutum, id est uirtutis appetitiue, uirtutis retentiue, uirtutis digestiue et uirtutis expulsiue, uel substantia alia magis subtilis. Et narraui hoc in dictione quam scripsi de formatione embrionis.* (Nutton 1999: 3, 5)<sup>4</sup>.

Sobre a faculdade responsável pela formação do feto na matriz não estabeleci em nenhuma parte se a sua essência é a mesma que a destas quatro faculdades, a saber, a nutritiva, a retentiva, a digestiva e a expulsiva, ou se é outra mais subtil. Expliquei isto no livro que escrevi sobre a formação do feto.

Note-se que Galeno, no tratado *As faculdades naturais*, 1.6 (2.15K), secção em que descreve a actividade das faculdades no desenvolvimento fetal, acrescenta uma faculdade, *διαπλαστική*, isto, é, configuradora, que tem a capacidade de moldar com um determinado propósito.

A indagação no âmbito da embriologia tinha já na época de Galeno uma tradição longa e complexa situada na intersecção entre medicina e filosofia<sup>5</sup>. Grande parte desta tradição chega-nos precisamente por meio da obra do médico de Pérgamo, que a analisa e adapta às suas próprias ideias, criando uma síntese cuja originalidade, no entender de Boudon-Millot (2008: 79) reside na forma como Galeno levou o debate acerca da embriologia para três níveis determinantes: o anatómico, o fisiológico e o filosófico<sup>6</sup>.

Esta síntese galénica, nos contornos com que nos é apresentada no tratado *A formação dos fetos*, é utilizada séculos depois na 1.<sup>a</sup> parte da obra de ginecologia de Rodrigo de Castro, parte a que o autor dá o título de *Theoria*<sup>7</sup>. Castro

<sup>4</sup> A transmissão do texto do tratado é problemática. Chegou-nos principalmente por meio de uma tradução latina medieval feita a partir de uma tradução árabe do texto. É esta versão latina que aqui se reproduz. Sobre este assunto, v. Nutton (1999: 14).

<sup>5</sup> Em particular, o tratado galénico *Que o excelente médico é também filósofo* aborda a relação entre medicina e filosofia. Sobre este assunto, veja-se o recente livro de Xenophontos (2024).

<sup>6</sup> Sobre as teorias galénicas sobre a geração, cf. e.g. Boylan (1986), Richardson (2018: 61-74) e López Salvá (2022).

<sup>7</sup> Sobre o tratado de ginecologia de Castro, publicado em Hamburgo em 1603, v. Pinheiro (2017) e a Introdução em Pinheiro & Mota (2022).

analisa o processo de geração e o desenvolvimento fetal, numa perspectiva que parece demonstrar a confluência de ideias antigas com algumas readaptações feitas por autores posteriores como Niccoló Leoniceno (1428-1524) ou Jean Fernel (1497-1558). É precisamente ao primeiro autor, figura central do humanismo italiano, que se deve a notoriedade que o tratado *A formação dos fetos* alcançou no século XVI, quando publicou, em 1506, a epístola *De uirtute formatiua*, opúsculo em que reavalia parte do tratado galénico, nomeadamente o que aí se diz sobre a δύναμις, a virtude ou a faculdade que rege a concepção e a modelação do embrião, a par da abordagem apresentada por outros autores, entre os quais se destacam Aristóteles e Avicena<sup>8</sup>.

As ideias galénicas sobre embriologia tiveram grande aceitação no Renascimento, o que se deve provavelmente à forma como combinava aspectos de origens diversas numa teoria mais ou menos coerente, mas cujas lacunas – amplamente reconhecidas pelo próprio Galeno – foram extremamente úteis para estes autores que as souberam entender da forma que lhes era mais conveniente<sup>9</sup>. Na relação que se estabelece entre o texto de Galeno e o de Castro parece-nos central a forma como aí se apresentam as fontes de conhecimento numa matéria tão elusiva e como este conhecimento encontra (ou não) fundamento, ou seja, como se faz prova de uma teoria ou se atribui credibilidade a uma tese. Isto era sobretudo relevante numa área como a geração, em que o conhecimento era amplamente especulativo. O reconhecimento das limitações do saber são, de facto, um denominador comum nos dois textos e em muitos textos congéneres.

No tratado *A formação dos fetos*, Galeno refere várias vezes o quanto é limitado e deficiente o conhecimento sobre a geração. Dessa forma, revela que conhece a tradição médica e, sobretudo, que abordará um tema complexo, que suscita muitas dúvidas entre médicos e filósofos, mas isso não o demove de apontar, com pormenor digno de referência, as várias fases da embriogénese. Começa precisamente por lamentar que os filósofos se tenham debruçado sobre esta matéria, mas sem usarem os dados provenientes da dissecação e da observação. Foi Hipócrates quem abriu caminho nesta área, considera Galeno, ao descrever uma semente de seis dias expelida na sequência de um aborto por uma μουσουργός em *A natureza da criança*, 13.<sup>10</sup> O texto é extremamente conhecido e é referido e analisado tanto por Galeno, quanto por autores poste-

---

<sup>8</sup> Sobre a epístola de Leoniceno, veja-se Hirai (2012).

<sup>9</sup> Sobre a recepção das teorias galénicas sobre embriogénese e, em particular, sobre as edições renascentistas de *A formação dos fetos*, v. Hirai (2024: 584-586).

<sup>10</sup> João de Alexandria, no seu *Comentário a A natureza da criança de Hipócrates*, 17 (eds., Bell 1997 et al: 146-147), define assim este termo: Γυναικὸς οἰκεῖη μουσουργός. – Μουσουργὸν λέγει τὴν σχολάζουσιν ἐν τοῖς ἔργοις τῶν μουσῶν ἢ τυμπανίστριαν ἢ κιθαρίστριαν ἢ ψάλτριαν. “Uma artista da casa de uma mulher. – Chama artista àquela que se ocupa nos trabalhos das musas, a timpanista, ou a citarista, ou a harpista.”.

riores, como o próprio Castro<sup>11</sup>. Tornou-se um exemplo convencional do que constituiria a primeira etapa do desenvolvimento fetal. A história é tomada como certa e levanta questões a vários níveis. Em primeiro lugar, pela recomendação num tratado hipocrático da prática da interrupção voluntária da gravidez, o que parece entrar em contradição com a cláusula anti-aborto do *Juramento* de Hipócrates<sup>12</sup>. De seguida, pela descrição que faz de uma semente de seis dias que foi expelida do corpo da artista, depois de esta saltar sete vezes batendo com os calcanhares nas nádegas<sup>13</sup>. O passo hipocrático é frequentemente citado e tomado como verdadeiro por autores posteriores que o usam como um argumento de autoridade. Castro, por exemplo, aceita-o como prova de que o fígado é o primeiro órgão a ser formado, retomando a argumentação de Galeno em *A formação dos fetos*, 3 (4.662K). Os termos em que o médico português apresenta esta posição mostram bem a credibilidade que atribuía ao episódio:

[...] *experientia, quae sola omnium rationes omnes una euertere potis est, idipsum testatur: in ipsius psaltriaie genitura quam Hippocrates uiderat rubrum quiddam erat ac rotundum, quod procul dubio hepar fuisse ex eo apparet, quia fetus in utero per umbilicum recipit alimentum, uasa uero umbilicalia recta ad illud rubeum corpusculum tendebant, corde aut cerebro nondum efformatis.* Castro (1617: 160).

[...] a experiência, que é a única capaz de, por si só, arrasar todos os raciocínios de todos, testemunha isto mesmo: na genitura da própria cantora que Hipócrates tinha visto havia algo rubro e redondo, que era, sem dúvida, o fígado, como é evidente pelo facto de que o feto recebe o alimento no útero pelo cordão umbilical, mas os vasos umbilicais se estendem em linha recta para aquele corpúsculo vermelho sem estarem ainda formados o coração e o cérebro. Pinheiro, Mota (2022: 484-485).

O que o autor do tratado hipocrático diz ter observado identifica-o Galeno com o córion, com o esboço das veias e das artérias e com o fígado. A

---

<sup>11</sup> Por exemplo, Castro (1617: 49), traduzido em Pinheiro, Mota (2022: 200-201); Castro (1617: 151-152), Pinheiro, Mota (2022: 464-465). Galeno refere o mesmo episódio em *A semente*, 1.4 (4.525-526K) 4.542, *As faculdades naturais*, 2.3 (2.86K) e *Contra Lico*, 7 (18.1.236K).

<sup>12</sup> Sobre a cláusula ὁμοίως δὲ οὐδὲ γυναικὶ πᾶσόν φθόριον δώσω. (4.630L) “Igualmente me absterei de dar a uma mulher um pessário abortivo.” (trad. Pereira 2003: 246) e a sua recepção no Renascimento, cf. Rütten (1996).

<sup>13</sup> É também de assinalar a forma como o autor do tratado se apresenta: como um especialista perante a admiração da mulher.

importância do que se vê percebe-se na utilização de formas de verbos como φαίνομαι (aparecer, mostrar-se) ou σκοπέω (observar, contemplar examinar). Afirma que, depois de se gerarem os vasos sanguíneos e o fígado, que é para Galeno o primeiro órgão a formar-se no feto, apesar de, como o próprio diz, ter antes pensado que era o coração, “é provável que, em seguida, o feto seja todo formado pela faculdade da semente, tomando outra vez como princípio da investigação o que vemos nas dissecções.”<sup>14</sup>. Como reconhece no tratado *As minhas opiniões*, quando era jovem, Galeno acreditara que o coração seria o primeiro órgão a ser gerado, tal como Aristóteles<sup>15</sup>. Depois, passou a considerar que essa tese não seria verdadeira pelo facto de o coração não gerar sangue. Também em *A utilidades das partes* 15.6 (4.241-246), Galeno nunca afirma ter sido o coração o primeiro órgão a formar-se.

A força do exemplo empírico, do que se viu e se conhece por experiência é de primordial importância também em Castro que com frequência apresenta casos específicos que viu e que, portanto, provam as suas teorias. Esta valorização do que se observa não é, todavia, acrítica e tem as suas complexidades. Parece haver, de facto, uma tendência para valorizar o que os autores antigos observaram, em detrimento do que foi testemunhado por autores mais recentes. Castro refuta a ideia de Fernel de que, até ao quadragésimo quinto dia da concepção, o feto se desenvolve exclusivamente a partir da semente, porque

<sup>14</sup> Σκοπώμεθα δ' ἐπ' αὐτοῖς, ὅπως εἰκός ἐστι τὸ κνούμενον ὑπὸ τῆς κατὰ τὸ σπέρμα δυνάμεως ἅπαν ἐφεξῆς διαπλασθῆναι, τὴν ἀρχὴν τῆς εὐρέσεως αὐτῆς ἀπὸ τῶν κατὰ τὰς ἀνατομὰς ὀρωμένων ποιησάμενοι. (Nickel 2001: 62, 4.660K). “Observemos, depois destas considerações, como é provável que, em seguida, o feto seja todo formado pela faculdade da semente, tomando outra vez como princípio da investigação o que vemos nas dissecções.” (Pinheiro, Pinheiro, Fonseca 2022: 36). A observação e a dissecção a que Galeno se refere deve ser a de embriões ou fetos abortados, ou a de animais. V. e.g. referência em *A semente*, 1.4 (De Lacy 1992: 74-76; 4.524K): φαίνεται γὰρ ὑμῖν ἐν κύκλῳ περιέχων τὸ κύημα μετὰ τὴν πρώτην σύλληψιν εὐθέως, ἂν τε πλειόνων ἂν τε ὀλιγίστων ἡμερῶν ἦ. καὶ γὰρ καὶ τριῶν καὶ τεττάρων ἀπὸ τῆς ἀρχῆς ἡμερῶν ἐκπίπτει πολλάκις ταῖς γυναιξίν ἐν ὑμένι περιεχομένη γονή. καὶ μέντοι καὶ ἐν ταῖς ἀνατομαῖς τῶν ζώων ἔνεστί σοι ταῦτο τοῦτο φωρᾶσαι. θεάση γὰρ ἐναργῶς μὲν τὴν μήτραν ἅπασαν ἀμφὶ τὸ σπέρμα συνεσπασμένην, ὑμένα δ' ἐκείνῳ περικείμενον. “É que se vê uma membrana a rodear o feto logo depois da concepção inicial, quer seja de muitos ou de muito poucos dias. Na verdade, uma semente de três ou quatro dias desde o início [i.e. da concepção] cai muitas vezes às mulheres, rodeada numa membrana. Além disso, é possível verificares isto mesmo nas dissecções de animais, pois verás claramente que toda a matriz está contraída em volta da semente e que uma membrana a rodeia.” Também em *A formação dos fetos*, 3 (Nickel 2001: 66; 4.662K) se refere a observação de fetos abortados: ἐν γε μὴν ταῖς ὑπὲρ τὰς τριάκονθ' ἡμέρας τῶν ἐμβρύων ἐκτρώσεσιν ἐγγυὸς ἀλλήλων σαφῶς φαίνεται τὰ τρία ταυτὶ τοῦ ζώου μόρια, τὸ θ' ἦπαρ καὶ ἡ καρδία καὶ ὁ ἐγκέφαλος [...] “Nos abortos dos fetos com mais de 30 dias, aparecem claramente, perto umas das outras, estas três partes do vivente, o fígado, o coração e o cérebro [...]” (Pinheiro, Pinheiro, Fonseca 2022: 37-38).

<sup>15</sup> HA 561a11-13 e PA 666a; para Plínio, *Nat.* 10.148 e 11.181 era uma opinião comum.

num feto abortado precisamente no quadragésimo dia que o próprio Fernel diz ter observado, todas as partes eram brancas e espermáticas, menos o fígado. Castro descarta a validade deste exemplo usando o provérbio “uma andorinha não faz a Primavera”, logo, o que Fernel viu, porque contraria o que foi observado por autores antigos mais sábios foi, segundo Castro, mal interpretado. Assim se sobrepõe a autoridade dos textos antigos, validados pela tradição, à credibilidade dos mais recentes. O excerto de Fernel, que começa com *Ita quidem saepe obseruauimus die quadragesimo eiectum fetum [...]* (“Foi, por certo, assim que observámos com frequência um feto expelido no quadragésimo dia...”), parece, porém, merecer mais atenção do que a que Castro lhe confere, já que descreve com pormenor o que observou *saepe*, isto é, “com frequência”<sup>16</sup>. Castro, porém, desacredita completamente o relato do médico francês por entender tratar-se de um caso único do qual não se podem tirar ilações gerais. O relato de Fernel, porém, não parece menos credível do que o relatado em *A natureza da criança*, 13, já que também aqui o caso parece ser apresentado como único, uma vez que nada no texto hipocrático remete para a ideia de repetição. A única diferença parece ser, assim, o peso que a autoridade de um texto que superou o passar dos séculos tem em relação a um mais recente.

---

<sup>16</sup> *Ita quidem saepe obseruauimus die quadragesimo eiectum fetum, semidigiti, aut, ut ait Aristoteles, formicae maiusculae magnitudine vere ac prorsus conformatum, et cuius partes omnes excepto iecore albae ac spermaticae cernebantur. Caput par erat auellanae, et maius quam pro reliqui corporis ratione: oculi ut cancris exerti: nasus, auricularum, brachia, manus, crura, pedes, hisque secreti digiti: penis conspicuus, sub quo scrotum milii magnitudine, superiora autem inferioribus maiora, nullo ossium robore, sed flexibilia quocunque ducerentur. Omnia contexta cute tenuissima et pellucida, per quam interiora cernebantur, alba quidem omnia, fibrosa et seminis aemula, nullo carnis aut sanguinis rubore perfusa, unum tamen iecur rubrum inerat, amplum et recens concreto sanguini persimile: in quod ex secundis per umbilicum uenae ferebantur sanguine confertae fetum posthac nutriturae.* “Foi, por certo, assim que observámos com frequência um feto expelido no quadragésimo dia, do tamanho de meio dedo ou, como diz Aristóteles, de uma formiga maiorzinha e na verdade completamente formado; via-se que todas as partes dele, excepto o fígado, eram brancas e espermáticas. A cabeça era igual a uma avelã e maior em proporção ao resto do corpo: os olhos salientes como os do caranguejo; o nariz, as orelhas, os braços, as mãos, as pernas, os pés, e, estes, os dedos separados; o pénis conspícuo, debaixo do qual o escroto do tamanho de um grão de milho; as partes superiores, porém, maiores do que as inferiores, sem qualquer robustez nos ossos, mas, flexíveis, poderiam ser puxados para qualquer lado. Tudo coberto por uma pele tenuíssima e transparente, através da qual se via o que estava no interior, tudo branco, fibroso e semelhante à semente, sem a perfusão de qualquer rubor de carne ou de sangue, apenas o fígado era rubro, amplo e muito semelhante ao sangue recentemente coagulado; dirigiam-se para ele, vindas das secundinas através do cordão umbilical, veias cheias de sangue que depois alimentariam o feto.” Sobre Fernel e a adaptação das teorias galénicas, incluindo sobre embriologia, à doutrina cristã, v. Hirai (2011: 46-79).

A acrescentar à observação e à dissecação, Galeno, Castro e muitos outros autores descrevem e explicam o desenvolvimento fetal com base, por um lado, na lógica especulativa, recorrendo a premissas teleológicas como a de que uma parte não é criada no feto antes de ter utilidade; e, por outro lado, pelo recurso a argumentos analógicos como o exemplo, já visto, ou a comparação e a metáfora, estabelecendo relações de semelhança entre o que é exterior e se conhece bem e o que, por ser interior, é de acesso difícil ou mesmo impossível. Este recurso remonta aos textos hipocráticos, em que se compara o feto a uma planta, ou a criança mal posicionada no útero a um caroço de fruta dentro de um vaso de gargalo estreito. Em *A formação dos fetos*, Galeno recorre especialmente à analogia para explicar a vascularização do corpo do feto, que compara à divisão das raízes ou dos ramos de uma árvore. A sequência argumentativa é escorregia, mesmo quando rebate a opinião de outrem, e baseia-se numa cadência retórica que repete fórmulas como “é provável”, “é razoável”, “é plausível”, “é necessário” para fazer avançar um raciocínio que se reconhece hesitante. Como o próprio Galeno reconhece, embate na aporia quando chega ao que considera o mais importante desta reflexão sobre a gênese: o quê ou quem é responsável pela formação do feto. Um dos excertos mais citados do tratado é o início do parágrafo 6, em que Galeno afirma que dizer que o feto é formado pela natureza é insignificante já que é de conhecimento comum. Diz:

*ἐγὼ δ' ὡσπερ ἔδειξα, τὴν κατασκευὴν τοῦ σώματος ἡμῶν ἄκραν ἐνδείκνυσθαι τοῦ ποιήσαντος αὐτὸ σοφίαν τε ἅμα καὶ δύναμιν, οὕτως εὐχόμεαι δεῖξαι μοι τοὺς φιλοσόφους τὸν διαπλάσαντα, πότερον θεὸς τίς ἐστι σοφὸς καὶ δυνατὸς ὡς ἐννοῆσαι μὲν πρότερον, ὅποιον ἐκάστου ζώου προσήκει κατασκευασθῆναι τὸ σῶμα, δεύτερον δὲ τὴν δύναμιν αὐτοῦ, καθὰ προὔθετο, κατεσκεύασαι, ἢ ψυχὴ τις ἕτερα παρὰ τὴν τοῦ θεοῦ. (Nickel 2001: 92, 4.687-688K).*

Eu, porém, do mesmo modo que mostrei que a constituição do nosso corpo revela a mais alta sabedoria e, ao mesmo tempo, a faculdade da-quele que o criou, assim peço que os filósofos me mostrem quem o formou e se é alguma divindade sábia e poderosa ao ponto de compreender, em primeiro lugar, de que modo era conveniente constituir o corpo de cada vivente e, em segundo lugar, se a faculdade dele o constituiu, como previsto, ou se é uma outra alma além daquela da divindade. (Pinheiro, Pinheiro, Fonseca 2022: 49).

Será de primordial importância esta referência à possibilidade de a formação do feto se dever à acção de uma entidade divina<sup>17</sup>. Esta atitude despreten-

<sup>17</sup> Também no tratado *As opiniões de Hipócrates e Platão* 9.8.22 (5.790-791K), se refere à

siosa que assume como inacessível o conhecimento da substância da alma e do seu papel na geração é repetida na última parte do tratado. À frente dirá:

*ἄπορος οὖν ὁ περὶ τῆς διαπλασάσης τὰ μόρια ψυχῆς λόγος ἐκ πάσης λαβῆς ὑπάρχει· ἐν μόνον ἐμοὶ γοῦν δοκεῖ σαφῶς ἐνδείκνυσθαι, τὴν τέχνην τοῦ κατασκευάσαντος ἡμᾶς, ἣν οὐχ οἶόν τ' ἐστὶν ἐλευθέρᾳ γνώμῃ σκοπούμενον εἰς τύχην ἄλογον ἀναφέρειν.* (Nickel 2001: 98, 4.693K).

A discussão em torno da alma que forma as partes é, portanto, difícil de solucionar a partir de qualquer perspectiva; uma única coisa me parece claramente demonstrada: que não é possível, se examinarmos a questão mediante um juízo livre, que a arte daquele que nos criou remonte a um acaso irracional. (Pinheiro, Pinheiro, Fonseca 2022: 52).

Assim se reforça a intencionalidade e o poder que subjazem a esta obra complexa e perfeita que é a gênese de um vivente. É quase no fim do tratado negará a possibilidade de ela se dever à alma que reside na semente, que não só não tem sabedoria, mas é completamente irracional.

*Εγὼ μὲν οὖν ἀπορεῖν ὁμολογῶ περὶ τοῦ διαπλάσαντος αἰτίου τὸ ἔμβρυον· ἄκραν γὰρ ὁρῶν ἐν τῇ διαπλάσει σοφίαν τε ἅμα καὶ δύναμιν οὔτε τὴν ἐν τῷ σπέρματι ψυχὴν, τὴν φυτικὴν μὲν ὑπὸ τῶν περὶ τὸν Ἀριστοτέλη καλουμένην, ἐπιθυμητικὴν δ' ὑπὸ Πλάτωνος, ὑπὸ δὲ τῶν Στωϊκῶν οὐδὲ ψυχὴν ὅλως, ἀλλὰ φύσιν, ἡγοῦμαι διαπλάττειν τὸ ἔμβρυον οὐ μόνον οὐκ οὔσαν σοφὴν, ἀλλὰ καὶ παντάπασιν ἄλογον [...]* (Nickel 2001: 104; 4.700K).

Eu, na verdade, admito estar numa aporia a propósito da causa que formou o feto. É que, como vejo na formação a mais alta sabedoria e, ao mesmo tempo, a mais alta faculdade, não penso que seja a alma na semente – chamada vegetativa pelos seguidores de Aristóteles, desiderativa por Platão, mas pelos Estóicos nem chamada, de todo, alma, mas natureza – o que forma o feto, não apenas porque não é sábia, mas também porque é absolutamente irracional [...]. (Pinheiro, Pinheiro, Fonseca 2022: 55).

A consciência da limitação do saber médico, que esbarra no que não é somático, no incorpóreo, mas que ainda assim se depara com o que escapa à certeza e à prova é um dos principais legados deste tratado galénico.

As dificuldades no conhecimento do desenvolvimento fetal tornaram-se um tópico comum nos textos médicos. Vesálio, por exemplo, começa o capí-

---

acção divina, considerando ser plausível que a humanidade tenha sido criada por uma entidade divina.

tulo 17.º, “Os invólucros que cobrem o feto no útero” (*De inuolucris fetum in utero tegentibus*), do livro 5.º, na edição de 1543, com um extenso texto de tom apologético em que admite as limitações do seu conhecimento nesta matéria<sup>18</sup>. A este respeito, diz que segue o que foi transmitido por outros autores, uma vez que teve ao seu dispor muito poucos cadáveres de mulheres grávidas que pudesse dissecar e, por isso, o conhecimento que tem nesta matéria vem da dissecação de animais<sup>19</sup>. Reconhece ainda que o assunto é complexo e que muitos autores debatem afincadamente sobre as muitas questões que levanta, sem, contudo, recorrerem à dissecação, mas apenas a argumentos fúteis e falsos. Na edição de 1555, terminará com estas mesmas ideias, reconhecendo que o tema é deveras complicado.

Nos capítulos que Castro dedica à geração, e em particular, no capítulo 8.º do livro 2.º, “A faculdade formadora”, e nos capítulos 14.º a 19.º do livro 3.º, capítulos com que encerra este livro que dedica ao coito e à concepção, a deficiência do conhecimento do médico é um tópico recorrente<sup>20</sup>. Os estudos anatómicos que tem ao dispor são limitados, mas o assunto é, em si, elusivo porque está além das capacidades intelectuais do ser humano. Assim, as

---

<sup>18</sup> Na edição de 1555, este texto foi revisto e a justificação para a limitação do conhecimento aparece no fim do capítulo e não no início. Foi também reduzida.

<sup>19</sup> *Quandoquidem diffusum de fetus formatione sermonem instituere, prolixi esset negotii, et ut uerum fatear, hic mihi aliorum auctoritatibus dumtaxat instituendum esset, et tandem uix mihi ipsi probabilia, non absque frequentibus controuersiis, adducerem. Nam etsi quaedam ex fetuum et praegnantium uterorum dissectione didicerim, et in scholis nonnulla commonstrare soleam, id tantummodum ex brutis, neque id ea qua oporteret diligentia habeo, praegnantem namque mulieres Mihi ad dissectionem paucissimae hactenus obtigere.* Vesálio (1543: 540) “Na verdade, encetar um discurso extenso sobre a formação do feto seria uma actividade prolixa e, para que eu confesse a verdade, seria aqui encetado por mim apenas seguindo as autoridades de outros e, por fim, aduziria coisas que dificilmente são para mim próprio prováveis e não sem frequentes controvérsias. É que, ainda que eu tenha aprendido algumas coisas com base na dissecação de fetos e de úteros grávidos e costume mostrar algo nas escolas, faço-o apenas com base em animais e não com a diligência que seria necessária, pois até hoje consegui obter muito poucas mulheres grávidas para dissecação.” Apesar desta afirmação, ou talvez por causa dela, no frontispício de *A fábrica do corpo humano* representa-se precisamente a imagem do corpo de uma mulher, que tinha alegado estar grávida para adiar a execução, a ser dissecado. V. Biesbrouck, Steeno (2014) e Kosmin (2018).

<sup>20</sup> Os títulos destes capítulos são, respectivamente: 3.14 “A formação do feto e a gravidez” (*De fetus formatione et uteri gestatione*); 3.15 “A concepção feminina e em que momento o feto sente e se mexe” (*De femineo conceptu ac quo tempore fetus sentiat et moueatur*); 3.16 “Qual das vísceras se gera primeiro: o coração ou o fígado” (*Vtrum uiscerum prius generetur, cor an hepar*); 3.17 “As operações de que carece a criança no útero e quais delas usa” (*De operationibus quibus in utero infans caret quibusue utitur*); 3.18 “Em que momento a alma racional é introduzida no corpo” (*Quo tempore rationalis anima corpori infundatur*); 3.19 “Que a alma humana ou racional está livre da morte” (*Humanam siue rationalem mentem mortis expertem esse*).

fontes antigas e, em especial Hipócrates, Aristóteles e Galeno são utilizados como fundamento para a construção de uma descrição que a cada passo se reconhece como apenas aproximada ou imperfeita do que acontece na concepção e na formação fetal.

Sobre a controversa questão, atrás mencionada, de saber se se forma primeiro o coração, como entendem Aristóteles e Avicena e o próprio Galeno em *A semente* (opinião que depois desmente em *A formação dos fetos*), ou o fígado, Castro afirma:

*quia iam haec nimis multa esse uidentur in re quae ad philosophum potius quam ad medicum spectant, eaque admodum ambigua et salebrosa; quis enim exacte agnoscet quid fiat in tenebris illis et quisnam ibi sit ineffabilis atque reconditus longeque nostra cogitatione profundior naturae ordo? (...) At sicuti honestus ille labor est qui ad possibilia comparatur, ita profecto furor censetur id quaerere quod superat nostram mentem.* Castro (1617: 161, 1.3.16).

[...] porque parece haver neste assunto demasiadas coisas que dizem mais respeito ao filósofo do que ao médico e que são muito ambíguas e difíceis. Quem, com efeito, reconhecerá com exactidão o que acontece naquelas trevas e que ordem da natureza aí se dá, infável, recôndita e muito mais profunda do que a nossa compreensão? (...) E, tal como é honesto aquele labor que se confronta com o que é possível, assim se deve, sem mais, considerar loucura procurar o que supera o nosso entendimento. Pinheiro, Mota (2022: 487).

Deste modo, Castro apresenta as fronteiras do conhecimento médico que se defronta com o que é impossível de alcançar para a compreensão humana. No processo da geração, Castro tem, ainda assim, mais certezas do que Galeno. Como muitos autores do seu tempo, defende que a alma racional vem do exterior e não da semente. É introduzida, infundida, ou insuflada por Deus no feto num momento indefinido da sua formação. Todas as referências de Galeno a uma potência sábia e divina que não age ao acaso são perfeitamente interpretáveis a uma nova luz: essa potência é Deus porque a alma racional carece de fim e é criada do nada, sem a submissão de qualquer matéria. É, portanto, incorporea, o que responde a uma das dúvidas expressadas por Galeno.

O médico não é competente para entrar num domínio que está obscurecido pelas trevas e que depende de uma entidade maior. A reserva e a cautela manifestadas por Galeno em *A formação dos fetos* encontram grande aceitação por parte de Castro. Sob a epígrafe marginal “A candura de Galeno” (*Galenī candor*) no capítulo sobre a faculdade formadora, o médico português encontra espaço para parafrasear o passo do tratado galénico, citado supra, em que Galeno exorta os filósofos a indagarem sobre a identidade do que é ou de quem é responsável pela formação do corpo a partir da semente e em que pede

que lhe transmitam o que descobrirem. Esta atitude de Galeno associa-a Castro ao entendimento de que a alma racional não está na semente, mas foi criada por Deus depois da formação do embrião e é, portanto, exterior à semente e ao que é concebido. Esta identificação de Deus como motor da formação preenche as admitidas lacunas do pensamento galénico. Como Galeno, Castro nega que a faculdade formadora opere ao acaso, mas que é “inconsciente da sua obra”; admite que seja dotada de sapiência, mas uma sapiência que vem de Deus, já que é “composta por artifício divino” e “guiada pelo influxo divino”. Afirma:

***Auctoris sententia. Facultatis formatricis definitio.***

*Dicimus igitur facultatem formatricem non aliud esse, quam potentiam animae uegetantis, quae ex mente diuina, seu praecepto Dei ac lege aeterna admirandam ubique habet et sapientiam et potentiam. Vegetans ac naturalis ac proinde irrationalis facultas dicitur, quia non libere operatur, neque intelligit, quae operetur. Vnde igitur tam mira praestare potest?*

***Naturalis instinctus. Diuinus influxus.***

*Hoc est, quod neque Aristotelis neque Galenus potuit philosophum inuenire, qui doceret, ab illo nimirum praecepto Dei ac lege aeterna, quam nonnunquam naturalem instinctum, nonnunquam uero diuinum influxum nuncupamus.*

**A opinião do autor. A definição de faculdade formadora.**

Dizemos, portanto, que a faculdade formadora não é outra coisa que não a potência da alma vegetativa que, pela mente divina ou preceito de Deus e por lei eterna, tem não só sapiência, mas também potência em todos os aspectos admiráveis. Chama-se faculdade vegetativa e natural e, por isso, irracional, porque não opera de forma livre, nem entende aquilo que opera; de onde, portanto, pode providenciar coisas tão admiráveis?

**O instinto natural. A influxo divino.**

Foi isto que nem Aristóteles, nem Galeno puderam encontrar um filósofo que ensinasse, a saber: que vem daquele preceito de Deus e da lei eterna a faculdade que por vezes designamos de instinto natural, mas outras vezes de influxo divino.

Esta sapiência de origem divina diz Castro ter sido já insinuada pelos autores antigos, nomeadamente por Platão, Aristóteles, Hipócrates e até por Vergílio<sup>21</sup>. São, todavia, os textos de Galeno e as referências a uma *summa... ars*

---

<sup>21</sup> Sobre a citação, neste capítulo, dos versos 4.221-222 de *Geórgicas* e 6.728-729 da *Eneida* de Vergílio, concatenados, e de *Eneida*, 6.724-728, v. Silva (2021).

*summaque sapientia* e a um *sapientissimo potentissimoque artifice* e os de Avicena, que afirma que “a natureza foi ensinada a obedecer a um criador sublime e glorioso”, as testemunhas invocadas para provar a presença e a responsabilidade divinas na geração.

No último capítulo desta secção, sobre a imortalidade da alma, a hesitação galénica sobre a substância que constitui a alma é novamente comentada. Aqui, porém, Castro introduz uma longa citação de *Comentários a Epidemias de Hipócrates*, em que o médico de Pérgamo confessa novamente as limitações do seu conhecimento sobre esta matéria, admitindo não conhecer a substância da alma e se ela provém da combinação dos quatro elementos ou se é “alguma outra força desprovida de corpo (...) inserida no cérebro pelo nosso criador”. Deste passo, Castro conclui que Galeno não nega que a alma seja imortal, mas que, antes pelo contrário, parece acreditar na sua imortalidade<sup>22</sup>.

Numa área que ainda hoje permanece envolta em trevas, debate-se Castro por organizar as doutrinas que lhe chegaram numa síntese que faça sentido no contexto da cultura médica do século XVII. A autoridade dos autores antigos e, principalmente a de Galeno, é um instrumento determinante na consolidação do conhecimento, mesmo quando este entra em matérias que carecem de comprovação empírica. No que diz respeito ao desenvolvimento fetal, o tratado *A formação dos fetos* providencia duas atitudes cruciais na configuração do pensamento científico de Castro e dos seus contemporâneos: por um lado, a afirmação da necessidade de fundamentar o conhecimento na observação e na dissecação; por outro lado, a aceitação das limitações deste mesmo conhecimento, limitações que, em crescendo, passarão do campo médico para o filosófico e, no fim, para a teologia.

### Referências Bibliográficas

- Bell, T. A. et al. (eds.) (1997). *Ioannis Alexandrini In Hippocratis De natura pueri commentarium*. Corpus medicorum graecorum XI.1.4. Berlin: In aedibus Academiae Scientiarum.
- Biesbrouck, M., Steeno, O. (2014). “Andreas Vesalius’ corpses”. *Acta Medico-Historica Adriatica* 12.1: 9-26.
- Boudon-Millot, V. (2008). “La naissance de la vie dans la théorie médicale et philosophique de Galien”. In *L’embryon: formation et animation. Antiquité grecque et latine; traditions hébraïque, chrétienne et islamique*, eds. L. Brisson, M.-H. Congourdeau, J.-L. Solère. Paris: Librairie Philosophique J. Vrin, pp. 79-94.
- Boylan, M. (1986). “Galen’s Conception theory”. *Journal of the History of Biology* 19: 47-77.
- Castro, R. de (1617). *De uniuersa muliebrium morborum medicina. Pars prima theorica*. Hamburgi: ex bibliopolio Frobeniano.

---

<sup>22</sup> Castro (1617: 168); v. edição e tradução em Pinheiro, Mota (2022: 506-507).

- De Lacy, Ph. (1992). *Galenus De semine*. Corpus Medicorum Graecorum V.3.1. Berlin: In aedibus Academiae Scientiarum.
- Fernel, J. (1567). *Vniuersa Medicina*. Paris: apud Andream Wechelum.
- Forrester, J. M. (2003). *The Physiologia of Jean Fernel*. Philadelphia: American Philosophical Society.
- Hirai, H. (2011). *Medical Humanism and Natural Philosophy: Renaissance debates on matter, life and the soul*. Leiden-Boston: Brill.
- Hirai, H. (2012). “Formative power, soul and intellect in Nicolò Leonicensis between the arabo-latin tradition and the Renaissance of the Greek commentators”. In *Psychology and the Other Disciplines*, eds. P. J. J. Bakker, S. W. de Boer, C. Leijenhorst. Leiden – Boston: Brill, pp. 297-324.
- Hirai, H. (2024). “Galen in Renaissance and Early Modern Debates”. In *The Oxford Handbook of Galen*, eds. P. N. Singer, R. M. Rosen. New York: Oxford University Press, pp. 582-599.
- Kosmin, J. F. (2018). “Midwifery anatomized: Vesalius, dissection, and reproductive authority in Early Modern Italy”. *Journal of Medieval and Early Modern Studies* 48.1: 79-104.
- López Salvá, M. (2022). “Embriogénesis en Galeno”. In *Galeno. A dissecção do útero. A formação dos fetos (tradução e estudos)*, eds. C. S. Pinheiro, J. Pinheiro, R. C. Fonseca. Vila Nova de Famalicão: Húmus, pp. 59-79.
- Nickel, D. (1971). *Galenus De uteri dissectione*. Corpus Medicorum Graecorum V.2.1, Berlin: In aedibus Academiae Scientiarum.
- Nickel, D. (2001). *Galenus De foetuum formatione*. Corpus Medicorum Graecorum V.3.3, Berlin: In aedibus Academiae Scientiarum.
- Nutton, V. (1999). *Galenus De propriis placitis*. Corpus Medicorum Graecorum V.3.2. Berlin: In aedibus Academiae Scientiarum.
- Pereira, M. H. R. (2003). *Hélade: Antologia da Cultura Grega*. Porto: Asa.
- Pinheiro, C. S., Mota, B. M. (eds.) (2022). *Rodrigo de Castro: A medicina completa das mulheres*. Tomo 1. Porto: Afrontamento.
- Pinheiro, C. S., Pinheiro, J., Fonseca, R. C. (eds.) (2022). *Galeno. A dissecção do útero. A formação dos fetos (tradução e estudos)*. Vila Nova de Famalicão: Húmus.
- Richardson, L. D. (2017). *Academic theories of generation in the Renaissance: The contemporaries and successors of Jean Fernel (1497-1558)*. Cham: Springer.
- Rütten, T. (1996). “Receptions of the hippocratic oath in the Renaissance: The prohibition of abortion as a case study in reception”. *Journal of the History of Medicine and Allied Sciences* 51.4: 456-483.
- Silva, G. A. F. (2021). “*Vt cecinit poeta*: The presence of Virgil in Rodrigo de Castro’s *De uniuersa mulierum medicina*”. *Graeco-Latina Brunensia* 26.1: 171-182.
- Xenophontos, S. (2024). *Medicine and Practical Ethics in Galen*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Vesalius, A. (1543). *De humani corporis fabrica libri septem*. Basileae: per Ioannem Oporinum.
- Vesalius, A. (1555). *De humani corporis fabrica libri septem*. Basileae: s/n.